

## Ponto 0. Do Caos ao mythos

Ms. MARIA JULIA PASCALI

(Prof. EMAC/UFG, doutoranda pelo IA/UNICAMP)

*“...a quantos acreditam na perenidade do mito,, que não é grego nem latino, mas um farol que ilumina todas as culturas .” Junito de Souza Brandão<sup>1</sup>*

Desde 1973, quando pela primeira vez pensei em algum estudo de pós-graduação, ainda estudante de História na Universidade de São Paulo, eu queria escrever um trabalho que fosse compreendido por qualquer pessoa. Eu achava que o linguajar muito especializado de determinado assunto, afastava as pessoas, restringindo a difusão do conhecimento. E, durante todos os anos que transcorreram desde então, eu fui ouvindo criando e interpretando histórias, procurando compartilhar com todos ao meu redor, buscando transpor qualquer barreira que entrasse a comunicação primeira entre duas ou mais pessoas. Com esta constante atenção, passei também a me dedicar e a transpor a barreira entre o imaginar, o ser e o fazer. Através de espetáculos participativos, cursos e intervenções criativas, de cunho interdisciplinar, popular e coletivo, fui abordando obras que contemplam a criação individual e coletiva, e que acolham o erro e o imprevisto como formas de manifestação espontânea e reveladora da profunda e verdadeira natureza de cada ser.

Para que este caminho fosse adotado e vivenciado com intensa, expansiva e cotidiana prática, uma experiência foi fundamental: a convivência com alguns grupos indígenas brasileiros, entre 1985 e 1989, especialmente os parentes Nambiquara, e a abertura de consciência que isto proporcionou. Os diários desta viagem compõem o coração deste trabalho. Através deles, do paralelo entre as anotações cotidianas e registros anteriores, contemporâneos e

---

<sup>1</sup> Conclui assim em 26 de abril de 1985, no Rio de Janeiro, Junito de Souza Brandão, a Introdução do primeiro volume de *“Mitologia Grega”*. Notemos que a data coincide com o início das minhas pesquisas,

posteriores em poemas, pequenos maravilhamentos ou desabafos, desenhos, sons, imagens em foto e vídeos, poderemos apreciar o ser artístico se revelando em duas direções: a interior, num mergulho até chegar ao silêncio, rompendo a barreira do ego; e a de expansão externa, até o conagração com as estrelas, rompendo a barreira da comunicação humana, indo até o reino animal, vegetal, mineral, cósmico.

Este encontro com as raízes brasileiras foi feito em concomitância com o mergulho no universo oriental (O que explica o canto da ordem de Céu japonês a abrir este texto.) Apesar de não estar no foco principal deste trabalho, é muito importante que se note que a convivência, os estudos e referências, e as práticas orientais (iniciando pelas chinesas e japonesas, chegando às tibetanas) permeiam minha vida e proposições artísticas, desde o mesmo tempo, 1985. A fascinação que a abordagem oriental exerce sobre mim é reforçada pela maneira mítica e presencial de ser apreendida entre os povos indígenas, e me expus sem barreiras, a elas, nestes 22 anos.

Estas duas maravilhosas lições de viver indicam que o estar em presença no aqui-agora é a única maneira de ser saudável, de driblar as preocupações, de enfrentar as adversidades da vida com criatividade, de se fortalecer internamente e ser fiel à sua natureza profunda, e estar em harmonia com a Sincronicidade.

O viver aqui-agora, prática absolutamente aceita, desenvolvida e buscada pelos artistas, especialmente de Teatro, de onde venho, nos propõe uma dedicação tão integral ao que se está fazendo, que cada experiência permite ultrapassar o sentido rasteiro de tempo e espaço, portanto, não sendo mensurável por duração, páginas, ou qualquer medida quantitativa, nem mesmo por um encadeamento ditado pela lógica ocidental. Dez anos podem ser ultrapassados em segundos, se observarmos alguns saltos qualitativos no processo criativo de algumas obras e ações artísticas, individuais ou coletivas. Quando mergulhados numa dimensão elevada do tempo/espaço, nossa percepção e atos perdem autoria e propriedade, o senso de individualidade se mescla no de coletividade, e nos colocamos como observadores, permitindo um diálogo com a linha condutora da Sincronicidade.

Para que esta atitude abranja nossas ações, fui desenvolvendo e difundindo treinamentos, práticas e cursos, e, especialmente, abrindo-me para vários diálogos e frutos: teatro-dança, dança-poesia, educação/saúde/arte, instalações, percursos interativos, roteiros, vídeos, performances, desenhos, etc. – foco da quarta parte deste trabalho

Sinto-me como uma tartaruga, uma esfera, onde cada portinha, quando aberta, pode experimentar, ao se expor, expressões múltiplas. E pode haver uma combinação de abertura de portinhas: a das histórias e poemas podem se abrir com a dos sons, cantos e músicas, pode ainda se juntar a dos desenhos, os vídeos podem se juntar aos testemunhos e relatos (ficcionais ou documentais), etc. E, na maioria das vezes, estas portinhas se abrem com outras pessoas, participantes, colaboradores, amantes do compartilhar com profundidade, alegria e criatividade pela Paz .

Os sábios indígenas, quando estão a contar uma história, lançam mão de todos os recursos à disposição, no momento: uma pedrinha para riscar a areia, uma posição agachada com os lábios em forma de bico e um assovio trinado para imitar uma ave, uma corrida ou mesmo um tapa para ilustrar uma luta. Eu aprendi com eles, e lanço mão de recursos de nova tecnologia que estão ao meu dispor: MP4 para gravar depoimentos, diálogos, canções e histórias, vídeos e fotos para documentar ou sugerir novos mundos (ficcionais), feitos também coletivamente, CDs, CDRom, DVD, para difundir criações...

Assim, este trabalho oferece uma caixa de surpresas, inseparável da parte escrita, onde se pode compartilhar, como participante ativo, algumas possibilidades de revelação e combinação destas várias visões de mundo.

*Prometo ao firmamento*

*Uma promessa paga*

*De me tornar um ser atento*

*De ir atrás do meu clã*

(27/12/88 F. Guanabara/Lote 30/ Formoso/S.J. do Barreiro/RJ)

*"Na língua pirahã, a palavra **bigí** significa simultaneamente "terra" e "céu". Segundo a antologia pirahã, os homens têm a totalidade de sua existência confinada entre esses dois pólos que, de forma idêntica, exercem atração sobre os homens. Assim, para se deixar arrastar por uma dessas forças, e sobreviver, o homem deve aprender a harmonizar-se com o espaço e o tempo entre céu e terra ( o meio ambiente), uma vez que é somente nas condições asseguradas por essa dimensão ontológica de tempo e espaço que se pode plenamente viver."*

*(BORGES, Luiz C. E GONDIM, Lourdes – "O Saber no Mito". RJ: Editora Teatral, 2003. pg. 122)*

(São Paulo 05/01/07)

Fang (pintor chinês, criador e praticante de Tai Chi, residente em SP desde a década de 50) fala com felicidade sobre palavras chinesas iguais a guaranis (cunhã: moça) e sobre a mancha verde no bumbum dos bebês daqui e da China, e de chineses pescadores, ou fingindo-se pescadores para fugir de conflitos com o imperador, que se lançaram ao mar, chegando até o Brasil.

Um marchand japonês também falou das semelhanças entre a língua japonesa e a língua indígena provando parentesco entre os povos.

Ambos falaram do assunto com felicidade. Sugiro que esta - a felicidade - aparece por causa da eterna busca pela identidade, pela unidade. E a felicidade se manifesta diante destas pequenas pistas que nos remetem à nossa origem comum.

Assim comunidade/identidade/unidade compõem uma trilogia que dá sentido de "verdade" à espécie humana, trazendo o tom de coletividade à nossa individualidade, situando-nos cósmica e miticamente num tempo e espaço - nossas referências culturais. A felicidade é o resultado do encontro com a verdade, e a comunicação é a busca permanente de igualar a verdade entre duas partes quaisquer; e ela é constante, como a mutação é constante.

Mesmo que haja uma comunicação integral de dada verdade, a coincidência é efêmera, porém luminosa o bastante para incentivar/estimular a constante busca da plenitude, dando um norte à existência humana.

Então, ...

O encantamento que Fang e o amigo japonês manifestam ao apreciarem a proximidade de duas culturas dá sentido de identidade a eles próprios que estão imersos nessas duas culturas ( Brasil-China, Brasil-Japão). E, ainda mais, se reporta à origem das duas referências ( à terra natal e à origem da cultura visitada), ou seja, o encontro pleno se realiza no campo do mito, no campo primeiro.

*“Entre as hipóteses da origem do homem americano, a mais abrangente sustenta que o povoamento das Américas ter-se-ia dado por uma origem óctupla composta de tasmanianos, australóides, melanesóides (através do Pacífico), proto-indonésios, mongolóides, esquimós (estes dois vindos da Ásia, especialmente Sibéria, pelo estreito de Bering), caucasóides, indonésios e polinésios. Hoje, duas hipóteses são as mais aceitas e uma não exclui a outra: a primeira considera que eles teriam vindo a pé da Ásia, através do estreito de Bering, uma ponte terrestre que existiu entre a Sibéria e o Alasca. Essas migrações, porque acredita-se que tenha havido mais de uma leva migratória, teriam ocorrido há cerca de 40.000 anos AC. A outra estabelece que ocorreu uma onda migratória de povos australóides que, vindos de barco mediante um sistema de cabotagem, teriam chegado à América Central, penetrando no Brasil e indo localizar-se, finalmente, na região de Lagoa Santa-MG.” (BORGES e GONDIM, pg.29)*

Assim, ...

Digamos que alguns seres se movem no caminho de busca da identidade e vejamos como uma possibilidade mais que pessoal o caminho que traço a seguir.

Pirenópolis - Abril de 2007

Como simples mortal eu aceno pros deuses lá no céu, amando a você, amando a vocês, amando a todos aqueles com os quais eu compartilho estas experiências, as vivências que esta pesquisa, iniciada em 84, me levou e distribuo a vocês os benefícios que vieram a mim desta viagem. Junto com uma narrativa, ao sabor de relatos de viagem, dando conta de satisfazer, de certa maneira, ao Logos, produzimos, também, um percurso particular interativo, multidisciplinar e de múltipla linguagem. Você recebe uma pasta desdobrável e interativa, com instruções de uso e outros materiais como CD de áudio, DVD, desenhos, fotos, facsimiles, mapas, e muitassssssss histórias e um convite para mergulhar numa viagem - Mythos - com sons, imagens, cantos dos parentes e meus... Enfim, uma pequena mostra de como a experiência junto às aldeias reforçou o sentido performático dos trabalhos que realizo, saltando da visão de representação para a de proposição, do teatro em sentido restrito, para as artes integradas e participativas, ou seja, o teatro enquanto conhecimento, numa exposição de expressão múltipla das nossas incontáveis possibilidades, de infinitas visões de mundo, do Logos ao Mythos.

Na verdade, todo o processo se quer como uma grande celebração, bem ao sabor do universo cultural indígena .

E se Eros ,o deus do amor, é o poder e a força unificadora, é a força de desejo que nos leva incoercivelmente a busca da unidade, eu me oferto, eu me exponho a vocês numa viagem de busca desta unidade, levada pelo espírito do fogo, pelo espírito da transformação, pelo impulso da felicidade. E, como simples mortal, ainda que exposta com um herói no topo da montanha, me ofertando à experiência pela humanidade, fico com as musas inspiradoras da dança, da música, das artes todas, integradas, para mergulhar no universo mítico, no universo da fé , no universo das narrativas das imagens, da criação.

Em meio ao silêncio do cerrado, em meio bambu apoiada a cabeça, envolvida em Eros, calor, lenho: os ruídos da noite, a presença da cotia, da perereca, dos calangos, das seriemas, dos tucanos, dos quero-quero, dos

macacos, abençoada pelo pai Jatobá, pelo urucum , pelo caju e a canela de perdiz... mergulho em Pontos, o Mar para dar início à ação de caminhar.

*“O mar simboliza a dinâmica da vida. Tudo sai do mar e a ele retorna, tornando-se o mesmo o lugar de nascimentos, transformações e renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possíveis realidades ainda informais e as realidades formais, uma situação de ambivalência, que é a da incerteza, da dúvida e da indecisão, que se pode concluir bem ou mal. Daí ser o mar simultaneamente a imagem da vida e da morte.” (BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega Vol I. Petrópolis: VOZES, 1986, 2ª Ed., pg 193)*

Reflito sobre como fazer a ponte, ir aos pontos, ir ao Pontos, ao Mar, ao Universo da vida e da morte, da transformação, dos nascimentos e renascimentos.

Ouçoo ao longe um galo e me pergunto, como Tirésias, vendados os olhos. Observo através do silêncio, os pensamentos se distanciarem e se transformam em presença, cor, textura, ambiente, imagem sem imagem ... Mergulhada, nesse campo, aprofundo a respiração, a percepção do corpo além do corpo, além do limite de mim mesma, do ego, e me percebo como um todo sem nome, sem contornos. Minha mão tocando a testa: somente uma sensação de concretude, o contato de dois ossos, duas áreas osséas, dois ossos avulsos, mesmo, soltos, sem carne, duas pedras, duas faces de matéria, duas plantas, uma certa pulsação vital e um percurso de seiva em velocidade mínima ...

### **Abertura (Logos e Mythos)**

Em meio ao paradoxo Logos-Mythos, esta viagem se inicia no Caos (abrir-se, entreabri-se, abismo insondável), útero de todas as criações, onde escolho dar nascimento ao que por si só já tem sentido, não requer explicações, convencimentos, nem argumentos, busco organizar o que não se quer organizável, venho expor linha a linha o que se quer simultâneo,

concomitante, multidirecional, circular, alinear. Enfim, me deparo pedindo ajuda ao Logos para apresentar o Mythos “*um modo de conhecimento capaz de comunicar o incognoscível.*”<sup>2</sup> ( Pierre Grimal).

“ *Opondo-se ao lógos , ‘como a fantasia à razão, como a palavra que narra à que demonstra’, lógos e mythos são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida e do espírito. O lógos, sendo um raciocínio, procura convencer, acarretando no ouvinte a necessidade de julgar. O lógos é verdadeiro, se é correto e conforme a lógica; é falso, se dissimula alguma burla secreta (um sóphisma). O mito, porém, não possui outro fim senão a si próprio. Acredita-se nele ou não, à vontade, por um ato de fé , se o mesmo parece “belo” ou verossímil, ou simplesmente porque se deseja dar-lhe crédito. Assim é que o mito atrai, em torno de si, toda a parte do irracional no pensamento humano, sendo, por sua própria natureza, aparentado a arte , em todas as suas criações.*” (BRANDÃO, Junito de Souza, op, cit. Pg.13.)

Então....

Pegando no fio da história...

Era uma vez uma faísca de Espírito do Fogo que encontrou uma fresta para se expressar entre um ourives e uma cantora., em meio a um ato de Éros, deus do Amor, com sua força incoercível de busca pela unidade. Desta aurora, em meio às Musas da Arte, surge um *anthropos* agitado e solidário que em tenra juventude se vê exposto no alto da montanha para servir a seus pares e em nome deles cometer a *hybris* de se transformar numa atriz.

Nesta viagem, as musas sempre brincaram em terreno fértil – dança, música, educação, cinema, artes plásticas e teatro. E permitiram o desvendar da manifestação das artes integradas nos caminhos que este ser percorreu, fato que tem seu ponto de mutação numa peregrinação de vivências junto às tribos brasileiras.

---

<sup>2</sup> Pierre Grimal em “La Mythologie greque”, Paris, PUF, 1952, p.8sqq citado por BRANDÃO)



Assim, apresenta-se primeiro o terreno – Géia – infância, imersão no binômio arte/vida, experiência em Teatro Popular, engajado, experimental e em grupos (década de 70 e 80); passo ao Tártaro, um mergulho no mais profundo da Terra com o diário poético das visitas a várias aldeias indígenas (década de 80); e ao revolver o terreno, volto com Eros e seus frutos vários e diálogos, considerados ‘raros’, posto que nem sempre se enquadram em certos padrões vigentes.

A rega foi feita de brasilidade: mergulhei no universo indígena e passei a ser, ‘apenasmente’ ser; penetrei no mundo mítico, cosmicamente regido e integrado e encontrei a bruta-flor do oriente.

*" Ver e saber reconhecer-se e identificar-se. A alteridade - que é o reconhecimento de que existe o outro, e de que somente nessa relação com esse outro nos reconhecemos - pode ser explicada pela metáfora do espelho. Saber o outro, reconhecê-lo em sua diferença, é como constituímos nossa diferenciação e identidade. O funcionamento desse processo permite que 'reconheçamos' desde sempre, como algo óbvio, o conjunto de fatores que nos assegura o pertencimento a uma história e a uma dada classe, etnia, grupo, e nosso próprio reconhecimento como sujeitos."*

*"...a intermediação entre as sociedades indígenas e o mundo se dá na e pela verdade do mito..."*

*O padrão de verdade histórica, assim como o de fundamentação filosófica, científica, ética e religiosa, as sociedades indígenas de tradição oral, encontram no mito o seu documento matriz."* (BORGES e GONDIM, ops. Cit.,Pg 12/13 e 117)

E assim fui seguindo o fio a cada história, a cada desenho, a cada poema, a cada visita, a cada personagem com o qual compartilhava, a cada ritual, a cada canto, a cada dança, a cada comer, beber, sonhar. E os registros e sementes deste tempo vieram através de poemas, desenhos, fotos, vídeos, espetáculos de dança, música e teatro, instalações e percursos pela Paz,

ações interativas, cursos, workshops, vivências e experiências coletivas e proposições que se espalham sobre a Terra desde 1985.

Do estudo dos pensamentos de Jean-François Lyotard (O Pós-Moderno, José Olympio, RJ, 1986, especialmente cap. 6 e 7) podemos perceber que esta formulação do saber – as lendas – se define como forma narrativa, e é esta forma que dá sua “*legitimidade às instituições da sociedade (função dos mitos), ou representam modelos positivos ou negativos (heróis felizes ou infelizes) de integração às instituições estabelecidas (lendas, contos).*” Estes relatos definem critérios com os quais se avaliam as “performances” de determinado grupo. Segundo sua análise podemos perceber que a forma narrativa incorpora uma pluralidade de discursos: sobre a natureza, as relações dos homens entre si e com a natureza, novos comportamentos e suas avaliações, etc.

Existe uma outra questão que considero importante : “Se todos os relatos se reportam ao primeiro relato (“Meu pai me contou...”), “Eis aqui a história de ... conforme sempre ouvi. Eu vou contá-la por minha vez, escutai.”), se o primeiro relato se refere ao primeiro ato (“Antigamente era assim...”), quando eu conto o conto que me contaram me ‘elevo’ à qualidade do primeiro ouvinte, observador ou mesmo ator deste ato primeiro; e, ‘elevo’ também aquele que me ouve ao posto de próximo narrador, portanto também ator do ato fundamental.

No parágrafo acima podemos observar a tríplice competência da tradição dos relatos, segundo Lyotard: dizer, saber ouvir, saber fazer; onde se reforça que o que se “transmite com relatos é o grupo de regras pragmáticas que constitui o vínculo social.”

A “elevação” citada anteriormente torna os relatos, e, conseqüentemente, os atos, contemporâneos (e não lembrança do passado) e esta ponte temporal também é eliminada porque a memorização dos relatos está baseada em suportes de sonoridade e ritmo que permitem relegá-los ao esquecimento. “É assim que se pode chamar esta temporalidade simultaneamente de evanescente e imemorial.”

Estudando ainda o mesmo autor (Lyotard) percebemos que saber científico e saber narrativo apesar de terem suas regras específicas, existências próprias

e ambas necessárias, cujos “*critérios pertinentes não são os mesmos para um ou outro*”, suas relações não são harmoniosas.

O saber narrativo “*autoriza-se a si mesmo pela pragmática de sua transmissão sem recorrer à argumentação e à administração de provas*”, e mais, considera o saber científico uma variante de sua família. Já “*o cientista interroga-se sobre a validade dos enunciados narrativos e constata que eles não são nunca submetidos à argumentação e à prova.*”

Segundo Lyotard esta desarmonia “*é toda a história do imperialismo cultural desde os inícios do Ocidente. É importante reconhecer o seu teor, que o distingue de todos os outros: está comandado pela exigência de legitimação.*”

No seio deste conflito me encontro duplamente: como artista, ligada fundamentalmente ao saber narrativo e como membro de uma Universidade, instância máxima de criação e transmissão do saber científico.

Conflituada, gero produtos de duas espécies: “obras de arte” (performances, coordenações artísticas, textos, proposições) e reflexões teóricas sobre estes mesmos fazeres ou correlatas. Sinto-me a cada minuto negando o saber científico e sua negação do narrativo. Busco, talvez, abrir uma brecha para o saber narrativo dentro da Universidade, ou, o inverso, adotar o saber científico como um aporte para a concretização do saber narrativo. Quem sabe, uma possível síntese das duas posturas ilumine novos trabalhos.

### ***Bibliografia***

ARGAN, Giulio Carlo – “Arte Moderna”, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ARTAUD, Antonin – “O Teatro e a Peste”, in *Cadernos de Teatro 95*, Rio de Janeiro: O Tablado/INACEN, 1982.

AZEVEDO, Sônia Machado – “O Papel do Corpo no Corpo do Ator”, São Paulo: Perspectiva, 2002

BOLEN, Jean Shinoda – A Sincronicidade e o Tao, SP, Cultrix, 19993.

BOREL, Henri - “Wu Wei: A Sabedoria do Não-Agir”, São Paulo, Attar Editorial, 1997.

BORGES, Luiz C. E GONDIM, Lourdes – “O Saber no Mito”. RJ: Editora Teatral, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues – “De Tão Longe Eu Venho Vindo”, Goiânia: Ed. da UFG, 2004.

- (org.) – “As Faces da Memória”, Campinas: Centro de Memória UNICAMP, s/d.

BRANDÃO, Junito de Souza – “Teatro Grego: origem e evolução”, Rio de Janeiro, Tarifa Aduaneira do Brasil Editora, 1980.

- “Mitologia Grega” vol. I. Petrópolis: Vozes, 2ª ed, 1986.

- “Mitologia Grega” vol. II. Petrópolis: Vozes, 7ª ed, 1996.

BROOK, Peter – “O Ponto de Mutação Quarenta anos de experiências teatrais: 1946-1987”, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d.

- “La Porta Aperta”, Milano: Anabasi, 1993.

BURKE, Peter (org.) – A Escrita da História – São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

BURKE, Peter – O que é História Cultural – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BURNIER, Luís Otávio – “A Arte de Ator: Da Técnica à Representação”, Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

COOPER, J.C. – Yin e Yang, SP, Martins Fontes, 1985.

DAVIDSON, John – “Energia Sutil”, São Paulo: Pensamento, 1995.

DESHIMARU, Taisen – Zen e Arts Martiaux, Paris, Albin Michel, 1983.

DOMINGUES, Diana (org.) – “Arte e Vida no século XXI”, SP: UNESP, 2003.

DUVIGNAUD, Jean – “Sociologia do Comediante”, Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1972.

ENSAIO/TEATRO 4: BOAL/BROOK, Rio de Janeiro: Edições Muro, 1981.

FERNANDES, Silvia – “Grupos teatrais: Anos 70”, Campinas: UNICAMP, 2000.

FERRACINI, Renato – “A Arte de Não Interpretar como Poesia Corpórea do Ator”, Campinas: Ed. Da UNICAMP, 2003.

GARCIA, Silvana - “Teatro da Militância” São Paulo: Perspectiva, 2004.

GILLETTE, Douglas - “O Segredo do xamã: os ensinamentos perdidos dos antigos maias”, Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GONÇALVES, Ricardo M. - “Textos Budistas e Zen-Budistas”, São Paulo: Cultrix, 1976.

HALBWACHS, Maurice – A Memória Coletiva – São Paulo: Centauro, 2004

JECUPÉ, Kaka Werá – “Ore Awé Roiru’A Ma: Todas as vezes que dissemos adeus”, Fundação Phytoervas, s/d

JUNG, C.G. – “Sincronicidade”, Petrópolis: Vozes, 1988.

- “O Segredo da Flor de Ouro”, Petrópolis, RJ, Vozes, 1983.

LAO-TSË – Escritos do Curso e Sua Virtude, SP, Ed. Mandruvá, 1997.

LAURENTIZ, Paulo – A Holarquia do Pensamento Artístico, Campinas, UNICAMP, 1991.

LE GOFF, Jacques – “A História Nova”, São Paulo, Martins Fontes, 1993.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE – “Tristes Trópicos”, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIBOA, Pe. Thomaz de Aquino – “Entre os Índios Münkü: A Resitência de um Povo”, São Paulo: Edições Loyola, 1979.

- “Os Enauenê-Nauê: Primeiros Contatos”, São Paulo: Edições Loyola, 1985.

LYOTARD, Jean-François – “O Pós-Moderno”. RJ: José Olympio, 1986, especialmente cap. 6 e 7.

PAVIS, Patrice – “Dicionário de teatro”, São Paulo: Perspectiva, 1999.

REPS, Paul (comp.) – Histórias Zen – Uma Coleção de Escritos Zen e Pré-Zen, Brasília – DF, Ed. Teosófica, 1999.

RIBEIRO, Berta G. – “Amazônia Urgente: Cinco Séculos de História e Ecologia”, Guia de exposição, Brasília: MEC: Editora Itatiaia, 1990.

RILEY, Jo – Chinese Theatre and The Actor in Performance, Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

RINPOCHE, Sogyal – “O Livro Tibetano do Viver e do Morrer”, São Paulo: Talento: Palas Atena, 1999.

RUSSELL, Peter – “O Despertar da Terra: O Cérebro Global”, São Paulo: Cultrix, 1985.

SAID, Edward W. – Orientalismo, SP, Companhia das Letras, 1990.

SAITO, Cecília Noriko ito – “O Shodô, o Corpo e os Novos Processos de Significação”, São Paulo: Annablume, 2004.

SANTAELLA, Lúcia – A Assinatura das Coisas, RJ, Imago, 1992.

SCHECHNER, Richard – “Performance Theory”, London and New York: Routledge, 2003.

SUZUKI, D.T. e outros – Zen Budismo e Psicanálise, SP, Ed. Cultrix., s/d.

- A Doutrina Zen da não-Mente, SP, Pensamento, 1993.
- Essais sur le Bouddhisme Zen, Paris, Albin Michel, 1972.

TAME, David – “O Poder Oculto da Música”, São Paulo: Cultrix, 1993.

TRUNGPA, Chögyan – Shambhala, A Trilha Sagrada do Guerreiro, SP, Cultrix, 1997.

VIANNA, Klauss – A Dança, SP: Ed. Siciliano, 1990.

VIEIRA, César – “Em Busca de um Teatro Popular”, São Paulo: Grupo Ed. Equipe/UNESCO, 1978.

WATTS, Alan – Tao O Curso do Rio, SP, Pensamento, 1995.

WILHEIM, Richard – I CHING: O Livro das Mutações, SP, Ed. Pensamento, 1987.